



**ORFEU**

**NEGR O**



**MARINA GARCÉS** é filósofa, ensaísta e professora na Universidade Aberta da Catalunha, onde dirige o mestrado em Filosofia para os Desafios Contemporâneos e o grupo de investigação MUSSOL. Tem participado em diversos projectos colectivos de experimentação pedagógica, cultural e social e é uma das principais impulsionadoras do colectivo de pensamento crítico «Espai en Blanc». Publicou vários livros, dos quais destacamos *Un mundo común* (2012), *Filosofía Inacabada* (2015), *Escuela de Aprendices* (2020), *Novo Iluminismo Radical* (Orfeu Negro, 2023), distinguido com o prémio Cidade de Barcelona 2017, na categoria Ensaio, Ciências Sociais e Humanidades, bem como o presente ensaio. As suas obras têm sido traduzidas em várias línguas.

# O TEMPO DA PROMESSA

MARINA  
GARCÉS

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO DA MEDIDA INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



REPÚBLICA  
PORTUGUESA



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU

**TÍTULO ORIGINAL**

El tiempo de la promesa

**AUTORA**

Marina Garcés

**TRADUÇÃO**

Helena Pitta

**REVISÃO**

João Berhan

**CONCEPÇÃO GRÁFICA**

Rui Silva

**PAGINAÇÃO**

Rita Lynce

**IMPRESSÃO**

Guide – Artes Gráficas

**COPYRIGHT**

© 2025 Orfeu Negro

© 2023 Marina Garcés

Publicado por acordo com Galaxia Gutenberg, S.L., Barcelona

Obra publicada originalmente por Editorial Anagrama em 2023

**1.ª EDIÇÃO**

Lisboa, Junho 2025

DL 548779/25

ISBN 978-989-9225-27-5

**ORFEU NEGRO**

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

[www.orfeunegro.org](http://www.orfeunegro.org)

# ÍNDICE

<b>Prólogo</b>	<b>11</b>
<b>I.</b>	
<b>Uma estranha mania</b>	<b>16</b>
PROMESSAS, PROMESSAS	21
<b>A promessa soberana</b>	<b>27</b>
PARÓDIA E SUSPEITA DA PROMESSA	34
<b>A promessa ilimitada</b>	<b>41</b>
NAUFRÁGIO	48
<b>II.</b>	
<b>O tempo do acidente</b>	<b>55</b>
COMPROMISSO E TRAIÇÃO	62
<b>A pergunta pelos começos</b>	<b>68</b>
HUMILHAÇÃO E EMANCIPAÇÃO	74
<b>Um futuro presente</b>	<b>80</b>
JOVENS PROMESSAS	87
<b>Referências</b>	<b>92</b>

*Nenhum epitáfio para quem  
não cumpra as promessas.*

WAJDI MOUAWAD

## PRÓLOGO

Lembras-te da última promessa importante que fizeste ou te fizeram? Há uns tempos, lancei esta pergunta a um auditório numeroso, composto por pessoas de meia-idade, nem muito novas nem muito velhas. Pensava que quase toda a gente levantaria a mão, uma vez que as tranquilizara dizendo que não as interrogaria sobre o conteúdo dessas promessas. Para minha surpresa, ergueram-se muito poucas mãos. Estou certa de que cada uma dessas vidas escondia alguma promessa de juventude, de amor, de ideais partilhados ou de desafios e compromissos, mas não se recordavam delas.

Hoje, as promessas ocupam um lugar pouco importante no modo como nos vinculamos aos outros: no amor, na profissão, na vida social e política. Fazemos muitos projectos e muito poucas promessas. E aquelas que fazemos, ou ouvimos fazer, são pouco ou nada credíveis. Talvez seja por projectarmos nas coisas, nos símbolos e, às vezes, nos outros as promessas que não chegámos a fazer. As promessas que não fazemos estão nos objectos que consumimos, na tecnologia que utilizamos, nas marcas de roupa e nos cosméticos com que nos escondemos, em determinadas

maneiras de falarmos ou de socializarmos, nas terapias e nos medicamentos, nos manuais que lemos para melhor educarmos os filhos, para prepararmos uma entrevista de trabalho ou para adquirirmos serenidade. Vivemos entre promessas que não fazemos, e, quando não se cumprem, como não sabemos de onde vêm, não sabemos junto de quem reclamar. Ficamos sós, com um sentimento de fracasso não correspondido.

Fazer promessas uns aos outros parece um gesto antigo. Uma atitude romântica ou cavaleiresca que desaparece entre as recordações da inocência juvenil. Fazer uma promessa verdadeira tornou-se hoje um acto entre o incómodo e o inesperado. Prometer é uma acção que se faz com a palavra e que, do nada, faz nascer um vínculo e um compromisso capazes de percorrer o tempo e de reunir, numa única declaração, passado, presente e futuro. Mas como prometer alguma coisa se pomos o futuro em perigo? Esta é a pergunta do senso comum: sem futuro não há promessas. Podemos dar-lhe a volta: que futuro podemos ter se não nos atrevemos a prometer nada? Os cárceres do possível são o cenário reiterado da servidão e da rendição.

A palavra que promete tem tanta força que, desde o início, «os senhores» se apropriaram dela: Deus prometeu a salvação, o Estado criou o corpo

político com a promessa de protecção e o capitalismo mobilizou as aspirações individuais na base de uma promessa ilimitada de crescimento e de acumulação. Nenhuma destas três promessas se cumpriram, embora, durante séculos, tenham organizado o tempo comum e o seu sentido. Ainda o fazem, talvez sob uma sombra crescente de perigo e desespero.

A história de uma boa parte da humanidade é a de ter sido excluída do espaço da promessa: quem não dispõe livremente da sua vontade não pode prometer nada a ninguém. As pessoas escravizadas não podem prometer. Hoje, sob a fachada de uma liberdade aparente, somos todos escravos de um tempo irreversível, de um destino incerto e ao mesmo tempo previsivelmente catastrófico, que governa os nossos desejos e as nossas vontades. Nos dias de hoje, prometer alguma coisa a nós próprios pode ser uma forma de rebelião que introduz nos cenários do presente a batalha pelo valor da palavra e pelas suas consequências sobre a vida que temos e que podemos esperar.

Dar a nossa palavra cria um vínculo irreversível que sobrevive à passagem do tempo e às promessas não cumpridas. Cria passados comuns e futuros vinculantes. Estabelece compromissos e torna possíveis as traições. Disputar este poder da palavra, que ordenou e organizou os nossos mundos, é devolver-lhe capacidade de acção e



credibilidade numa época de enganos e de banalidade deliberada. Perguntar hoje pela força da promessa é perguntar: quem pode criar o tempo comum e organizá-lo para nós? Quem decide o espaço da palavra fiável e quem tem legitimidade para participar nele?

Em Setembro de 2022, tive oportunidade de fazer uma experiência com adolescentes da minha cidade, Barcelona, no quadro da Bienal do Pensamento. Juntamente com os seus professores de Filosofia, trabalhamos diversas maneiras de falar do futuro. Para eles, descrevê-lo era pintá-lo com cores escuras. Imaginá-lo causava-lhes angústia e uma sensação de vazio. Sentiam-se alheios ao tempo que lhes calhou viver e ameaçados pela sua evolução. Mas todos souberam fazer uma promessa. Todos souberam tomar a palavra e tornar seu o tempo que os acossa. Mil jovens ouviram em conjunto os áudios de algumas dessas promessas numa praça do centro da cidade. As promessas falam do futuro, mas fazem-se no presente e fazem-nos presentes. Falam do futuro, mas invocam um começo e uma memória partilhada. Religam o tempo, mas não o fixam. As promessas abraçam a incerteza, porque sabemos que podem não chegar a realizar-se, mas não se submetem a ela. Quem faz uma promessa sabe que nem tudo é possível, mas que nem tudo está





PRÓLOGO

acabado. Fazer uma promessa é interromper o destino. É afirmar convictamente uma verdade que desafia o peso da realidade.